

Agemir Bavaresco
Marcos Messerschmidt
Pedro Antônio Gregorio de Araujo
Organizadores

Teresa Cristina Schneider Marques
Kelvin Falcão Klein
Norman Roland Madarasz
Juremir Machado da Silva
Pedro Antônio Gregorio de Araujo

(Com)possibilidades: os 50 anos do maio de 68



Maio de 1968 e a transformação dos repertórios de ação coletiva na França

Teresa Cristina Schneider Marques

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com estágio doutoral no Institut d'Études Politiques de Paris (Sciences Po). Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

 Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3145583517135029>

Como citar:

MARQUES, T. C. S. Maio de 1968 e a transformação dos repertórios de ação coletiva na França. In: BAVARECO, A. (Org.). *(Com)possibilidades: os 50 anos do maio de 68*. Passo Fundo: Saluz, 2019. p. 11-34.

1. Introdução

Para compreender o maio de 1968 francês, ao mesmo tempo em que é preciso compreender os acontecimentos que marcaram as semanas de revoltas que ocorreram entre abril e junho daquele ano, também é preciso analisar as suas consequências. O movimento expandiu além das semanas nas quais o conflito entre manifestantes e forças repressivas se mostrou mais acirrado, e, concomitante, mostrou ser resultado das revoltas que ocorriam em outras partes do globo. Isto é, ao mesmo tempo em que é resultado de influências do período, o movimento também gerou influências. Dessa forma, permitiu que alguns autores entendam que as revoltas de 1968 podem ser classificadas como “ciclos de protestos”, isto é, fases de acirramento do conflito entre o Estado e a sociedade¹. Podem ser considerados relativamente raros, uma vez que contam com o engajamento de um número mais amplo e diversificado de setores políticos e sociais em manifestações públicas e um amplo repertório de ação, inclusive de setores que geralmente não são mobilizados na política contenciosa, bem como a rápida difusão territorial do confronto².

O maio de 1968 francês significou o ponta pé inicial para que a política e a sociedade francesa fossem repensadas durante as décadas de 1960 e 1970, teve início com uma forte agitação estudantil, na universidade de Nanterre, na periferia de Paris. A agitação foi motivada primeiramente por demandas liberais dos estudantes e posteriormente canalizou o descontentamento com a reforma universitária implantada durante o governo Charles de Gaulle³. O “movimento de 1968” pode ser considerado um dos mais importantes ciclos de protestos da história recente

1 TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e Confronto Político*. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 182.

2 TATAGIBA, Luciana. 1994, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política e sociedade*. Florianópolis, v. 13, n. 28, 2014. p. 38.

3 TOURAINE, Alain. *Le mouvement de mai ou le comunisme utopique*. Édition: Le livre de poche. Paris: Imprimé par Brodard et Taupin, 1998. p. 102.

francesa, justamente por ter promovido profundas transformações culturais e políticas.

Os acontecimentos ligados a esse ciclo incentivaram a esquerda francesa a dar início à profunda revisão do seu repertório de ação. Após 1968, a esquerda francesa se redefiniu a partir da autocrítica quanto ao uso de performances de ação direta – ou ações violentas – e do incentivo à adoção de formas de ação coletivas pacíficas.

Nos últimos 50 anos, muitos estudos procuraram compreender as consequências e as transformações promovidas pelo maio de 68 francês, bem como a sua relação com os ciclos de protestos que ocorreram no mesmo período no Ocidente⁴. No entanto, no Brasil, são poucos os estudos que se concentraram na compreensão dos significados em torno dos eventos que ocorreram entre as semanas mais conflituosas que marcaram os meses de abril, maio e junho de 1968 na França e o papel deles nas transformações de repertórios de ação. Argumentamos que os acontecimentos em si mesmo, sobretudo os repertórios de ação e as respostas do Estado e da sociedade a eles, são fundamentais para a análise dessas transformações.

Assim, o presente artigo visa contribuir para a compreensão do papel de maio de 1968 para as transformações dos repertórios de ação coletiva da esquerda francesa. Para tanto, parte da abordagem histórico-institucional proposta pela teoria do confronto político e por meio da análise da bibliografia especializada, busca compreender o papel dos ciclos de protestos para as transformações políticas e sociais⁵. Posteriormente, analisa os eventos que ocorreram na França entre abril e junho de 1968 a partir do conceito de repertório de ação. Por fim, aborda a au-

4 Ver: TOURAINE, 1998.

5 O presente artigo é resultado de uma pesquisa de doutorado possibilitada pelo financiamento de bolsas de estudos no Brasil e na França pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ver: MARQUES, T.C.S. *Militância política e solidariedades transnacionais: a trajetória dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Programa de pós-graduação em Ciência Política, 2011.

toocrítica da esquerda francesa e as consequências desse processo para o confronto político na França e para a esquerda ocidental.

2. Sobre ciclos de protestos e transformações de repertórios de ação

O caráter esporádico dos ciclos de protestos fez com que a Sociologia e a Ciência Política dessem pouca atenção à análise desses eventos durante muito tempo. Uma vez que eram entendidos enquanto momentos políticos particulares, esporádicos, de difícil previsibilidade e até mesmo caóticos, entendeu-se que não seria possível identificar regularidades que permitissem a definição de um conceito claro. Dessa forma, as explicações dos aspectos relativos às formas das ações dos atores envolvidos – sobretudo não-estatais – e o desenvolvimento das dinâmicas de interação Estado-Sociedade durante os ciclos foram relacionadas ao caráter particular de cada ciclo durante décadas.

Ainda que todo ciclo de protesto possa de fato ser visto enquanto um momento político particular, a abordagem proposta pela teoria do confronto político abriu nossas possibilidades⁶. A ênfase dessa linha teórica na compreensão da interação entre as dimensões institucional e societal permitiu novas abordagens para a análise dos ciclos de protestos enquanto uma forma de ação coletiva. Partindo dessa perspectiva relacional, Tarrow considera que ainda que à primeira vista os ciclos aparentem ser apenas revoltas esporádicas e caóticas, é possível verificar dinâmicas claras de mobilização e desmobilização nesses processos. Para o autor, os ciclos compartilham semelhanças quanto à dinâmica inicial do processo, dentre as quais, destaca:

6 Ver: MCADAM, Doug; TILLY, Charles; TARROW, Sidney. Para mapear o confronto político. *Lua Nova*, São Paulo, 76, p. 11-48, 2009; MCADAM, Doug; TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Dynamics of Contention*. New York, Cambridge University Press, 2011; TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e Confronto Político*. Petrópolis, Vozes, 2009; TILLY, Charles. *Regimes and Repertoires*. Chicago, University of Chicago Press, 2006; TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Politique(s) du Conflit: De la Grève à la Révolution*. Paris, Presses de Sciences Po, 2008.

Uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social: com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação das novas de confronto; com a criação de quadros interpretativos de ação coletiva, novos ou transformados; com uma combinação de participação organizada e não organizada; com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e as autoridades (TARROW, 2009, p. 182).

Assim, ainda que os resultados possam ser muito distintos, há regularidades identificáveis que permitem compreender os ciclos de forma mais clara⁷. Além das regularidades relacionadas à dinâmica das interações institucionais e não-institucionais durante o próprio ciclo, pode-se ainda destacar o fato de que não raro ocorrem transformações sociais e institucionais decorrentes dos ciclos. Essa última característica dos ciclos levou autores como Tilly e Tarrow a compreendê-los enquanto um momento chave na análise de transformações sociais e institucionais que são perceptíveis ao se analisar os processos de longas duração⁸.

Entre as transformações, destacamos as transformações dos repertórios de ação utilizados pelos atores engajados na política contenciosa. Nesse sentido, cabe destacar que o conceito de repertório de ação coletiva se refere ao conjunto de performances utilizadas por um determinado grupo político. Essa seleção de performances se baseia na experiência prévia – em outras palavras, na história – e nos recursos materiais e organizacionais permitidos pela estrutura de oportunidades políticas⁹. Por sua vez, a estrutura de oportunidades políticas deriva em grande parte do regime político¹⁰, todavia, a sua leitura a partir de uma perspectiva relacional, também sugere analisar o peso de outras dimensões, tais como a sociedade e a legitimidade que ela confere às performances políticas.

7 TARROW, 2009, p. 184.

8 TILLY; TARROW, 2008; TARROW, 2009.

9 TARROW, 2009; TILLY; TARROW, 2008; TILLY, 2006; ALONSO, 2012.

10 TILLY, 2006.

Segundo Traugott, uma leitura que parta da Teoria do Confronto permite ainda verificar o momento “dobradiça”. Isto é, muito embora as transformações de repertórios possam durar anos para se cristalizar e apenas análises de longa duração possam ajudar a identificá-las, é possível identificar raros momentos que marcam o abandono de um repertório em detrimento do outro:

Embora a transição de um antigo para um novo repertório normalmente ocorra em um período medido em décadas ou gerações, Tilly acredita ser possível isolar o que ele chama de “dobradiça”: o momento, normalmente associada a um conjunto de eventos de referência, quando o predomínio de um estilo de protesto anterior é suplantado irreversivelmente pelo do seu sucessor¹¹.

Para Tilly, os ciclos podem ser considerados um momento de “dobradiça”. Em outras palavras, o ciclo de protesto ou ciclo de ação coletiva pode ser “a linha divisória da mudança social e política”¹², podendo inclusive promover a transformação dos repertórios de ação no confronto político. Ele assume esse papel ao “testar” a eficácia de uma ampla gama de performances perante o Estado, bem como a sua legitimidade perante a sociedade em um curto período. Assim, os ciclos de protestos se tornam um momento não apenas de transformação da política, mas inclusive da forma de fazer política, isto é, dos repertórios de ação.

Existem dois grandes processos que promovem evoluções de repertórios, segundo Tilly e Tarrow. São eles: o processo progressivo e as “transformações em turbilhão”¹³. O primeiro

11 Tradução livre do original: “Although the transition from an old to a new repertoire usually takes place over a span measured in decades or generations, Tilly believes it possible to isolate what he terms the “hinge”: the moment, typically associated with a landmark set of events, when the predominance of an earlier style of protest is irreversibly supplanted by that of its successor”. In: TRAUGOTT, Mark. *Barricades as Repertoire: Continuities and Discontinuities in the History of French Contention*. *Social Science History*, v. 17, n. 2, Summer 1993. p. 311.

12 TARROW, 2009.

13 Visando ofertar uma contribuição ao debate sobre os processos que impulsionam as transformações dos repertórios de ação a partir da teoria do confronto, refleti acerca

é resultado das pequenas transformações de elementos estruturais, enquanto o segundo se refere aos momentos históricos raros nos quais as instituições políticas se transformam com grande rapidez¹⁴:

Os repertórios evoluem segundo dois grandes tipos de processos: seja no turbilhão dos períodos nos quais toda a política se move muito rapidamente, seja pela sequência de modificações modestas de elementos estruturais. Os processos do primeiro tipo são mais espetaculares e produzem, talvez, uma transformação durável, mas eles são facilmente recuperados ou reprimidos assim que as autoridades retomam o controle da situação¹⁵. As mudanças progressivas são menos espetaculares, são resultado de fatores que evoluem lentamente, mas se mantêm durante mais tempo¹⁶.

A identificação desses dois tipos de processos de transformação permite verificar melhor o peso dos contextos nas transformações dos repertórios de determinados grupos políticos no âmbito do um mesmo Estado-Nação¹⁷. Entendemos que enquanto que o segundo tipo diz respeito às mudanças “discretas” tais como as mudanças das legislações, as transformações dos quadros econômicos, bem como a lenta, gradual e constante

das particularidades das transformações de repertórios foi de ação de migrantes em artigo publicado na revista *Dados* em 2017. Considero que o processo vivido por migrantes é ainda mais intenso, e, portanto, trata-se de um processo de transformação de repertório distinto: a metamorfose total. Ver: MARQUES, T.S.C. O exílio e as transformações de repertórios de ação coletiva: a esquerda brasileira no Chile e na França (1968-1978). *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, 2017.

14 TILLY; TARROW, 2008, p. 49-50.

15 Tradução livre do original: Les répertoires évoluent selon deux grands types de processus: soit dans le tourbillon de ces périodes où tout cela politique bouge très vite, soit par une suite de modifications modestes d'éléments structurels. Les processus du premier type sont plus spectaculaires et ils produisent parfois un tournant durable, mais ils sont aussi plus aisément récupérés ou réprimés lorsque les autorités reprennent le contrôle de la situation. Les changements progressifs sont moins spectaculaires, découlent de facteurs évoluant lentement, mais se maintiennent solvante plus longtemps. In: TILLY; TARROW, 2008, p. 49-50.

16 TILLY; TARROW, 2008, p. 49-50.

17 Ver: MARQUES, 2017.

mudança de valores, entre outros, o segundo tipo se refere às revoluções, às bruscas mudanças de regimes políticos – golpes de Estados – e aos ciclos de protestos.

Portanto, as transformações decorrentes do segundo tipo de processo podem ser mais relevantes, uma vez que, elas são resultado de um momento político, social e cultural que toca todas as dimensões do confronto político. A rapidez com que as mudanças acontecem em todas as dimensões impulsiona transformações dos repertórios de ação coletiva e podem transformá-los em momentos “dobradiça”. Segundo Tilly e Tarrow, “Os períodos de mudança política rápida fazem com que surjam sequências de inovações nos repertórios, que por sua vez, explicam bem as flutuações da atividade do movimento”¹⁸.

Contudo, entendemos que a durabilidade das transformações depende do quanto as demais dimensões da vida social e política foram afetadas pela fase de acirramento do confronto político, o que, por sua vez, depende do tipo de “turbilhão” que incentivou a inovação dos repertórios. Por exemplo, processos revolucionários e golpes de estado, uma vez que promovem uma mudança de autoridades à frente do regime, tendem a buscar pela consolidação de mudanças nas estruturas, incentivando assim que ao menos parte das transformações vividas durante o período em turbilhão permaneçam. Por sua vez, as transformações resultantes de ciclos podem ser superadas pelas autoridades ao retomarem o controle da situação, tal como colocado por Tilly e Tarrow.

No entanto, existem outras dimensões do confronto que não tocam às autoridades estatais, tais como a dimensão cultural. Para compreender de que forma o turbilhão causado por um ciclo de protestos pode afetar essa dimensão a partir da análise ciclo de protesto de 1968 na França, cabe uma análise da gênese do maio de francês e da evolução dos repertórios de ação utilizados no confronto com o Estado.

18 Tradução livre do original: “Les périodes de changement politique rapide font apparaître des séquences d’innovation dans les répertoires, lesquelles à leur tour expliquent largement les fluctuations de l’activité du mouvement”. In: TILLY; TARROW, 2008, p. 50.

3. Os repertórios de 1968 e as dinâmicas de interação com o estado

A revolta contra a reforma universitária, demandas liberalizantes e as contradições do sistema universitário francês – que mesmo diante de uma sociedade em plena transformação cultural, mantinha um rígido sistema de ensino e problemas estruturais em algumas unidades, tais como a Universidade de Nanterre (Paris X)¹⁹ - foram os incentivos iniciais para o início do chamado movimento de maio na França. Inicialmente localizado em Nanterre, ganhou corpo à medida que grupos estudantis – também chamados de “grupúsculos” por De Gaulle – com orientações de esquerda, principalmente trotskistas, anarquistas e maoístas que exerciam constante atividade na faculdade de letras de Nanterre, ampliaram as demandas das revoltas²⁰.

O fator geracional teve um grande peso na manifestação estudantil, de acordo com Isabelle Sommier²¹. Para a autora, a identificação com demandas pós-materialistas se tornou mais importante do que a identificação de classe que marcou as lutas que os antecederam. Além disso, de acordo com Araújo, a geração de maio de 1968 ainda foi marcada pelos relatos heroicos de guerras e conflitos armados da geração anterior, o que influenciou o repertório de ação do confronto²².

Entre as primeiras performances utilizadas nas revoltas, estavam a ocupação de prédios públicos e os comícios. A ocupação das universidades marcou o início da revolta em Paris²³. O movimento tomou conta de prédios universitários, dentre os quais merecem destaque a Sorbonne e Nanterre. A Sorbonne estava

19 SOMMIER, Isabelle. Les processus de diffusion des révoltes juvéniles de 68. *Histoire@politique. Politique, culture, société*, n. 6, septembre-décembre 2008.

20 ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 53.

21 SOMMIER, 2008, p. 04.

22 ARAÚJO, 2000, p. 35.

23 Esse repertório também marcou a revolta em seu estágio avançado. Em Strasbourg, a universidade foi tomada pelos estudantes, que a rebatizaram como a “Primeira Universidade Livre do Ocidente”. Ver: ARAÚJO, 2000, p. 53.

entre as universidades francesas de maior prestígio e apoiou o movimento nascido em Nanterre, organizando um comício em solidariedade aos estudantes dessa universidade. Em resposta, a polícia francesa invadiu a Sorbonne, o que é considerado por muitos estudiosos do tema, como sendo o marco de início do “maio francês”²⁴. Antes disso, a invasão do prédio administrativo de Nanterre, no dia 22 de março, incentivou a suspensão das aulas na universidade no dia 02 de maio e a punição de alguns líderes estudantis, tais como Daniel Cohn-Bendit²⁵.

A resposta repressiva do Estado incentivou os estudantes a ampliarem o repertório de ação do movimento com formas de ação consideradas proibidas pelo Estado. Nesse sentido, as barricadas assumiram um papel central no repertório de ação dos revoltosos. As barricadas, cuja utilização enquanto repertório de ação na França data do século XVI, sempre tiveram uma forte função simbólica: ao reivindicar a função de proteção coletiva, almejam incentivar a solidariedade e, ao mesmo tempo, indicar que não há diálogo e sim, um combate violento com o Estado. Em outras palavras, a construção de barricadas funciona ao mesmo tempo enquanto uma denúncia da violência do Estado e como uma convocação à luta. Dessa forma, na França, as barricadas carregam o peso da tradição revolucionária, segundo Traugott:

Suas funções simbólicas e sociológicas, que sempre desempenharam um papel real ainda que menos visível, veio cada vez mais à frente. As grandes barricadas da Comuna eram, em sua maioria, peças de exibição elaboradas para inibir a invasão da capital. Sua principal contribuição foi mobilizar futuros combatentes e reforçar os vínculos de solidariedade entre eles, expressando o senso de identificação com as ações e valores das gerações de insurgentes que vieram antes. Desta forma, a barricada se tornou tanto uma

24 ARAÚJO, 2000, p. 53.

25 BECKER, Jean-Jacques. *Histoire politique de la France depuis 1945*. Paris: Armand Colin, 2000. p. 135.

representação da tradição revolucionária, quanto um instrumento de combate puro e simples²⁶.

Portanto, as barricadas, bem como o uso dos paralelepípedos contra as forças de repressão estatais evidenciam o peso da tradição revolucionária para os revoltosos de maio de 1968. Essa disposição de enfrentamento revolucionária ficou clara no *Quartier Latin de Paris*, onde ocorreram os confrontos mais violentos com a polícia, que ficaram conhecidos como *noites de barricadas*. Para Touraine, tais enfrentamentos podem ser considerados o momento central do movimento²⁷. A repressão aos estudantes foi violenta, o que sensibilizou parte considerável da população francesa em favor do movimento nesse momento²⁸.

A partir de então, o movimento ganhou volume e contou com uma expansão setorial, destacada por Tilly e Tarrow ao conceituar os ciclos de protestos²⁹. Isto é, deixou de ser composto exclusivamente por estudantes universitários, pois passou a contar com o apoio de professores universitários, intelectuais, artistas, além dos estudantes do Lycée (equivalente ao ensino médio no Brasil)³⁰. Porém, segundo Alain Touraine, foi a entrada dos operários que transformou a revolta em um confronto de tamanha envergadura, ainda que sem a unidade que transpareceu. Após essa adesão, o movimento de maio passou a possuir três domínios de ação: transformação da universidade, revolta cultural e lutas operárias³¹.

26 Tradução livre do original: “Instead, its symbolic and sociological functions, which had always played a real if less visible role, came increasingly to the fore. The great barricades of the Commune were for the most part elaborate showpieces that did little to inhibit the invasion of the capital. Their primary contribution was to mobilize prospective combatants and reinforce the bonds of solidarity among them by expressing the participants’ sense of identification with the actions and values of generations of insurgents who had come before. In this way the barricade became as much a representation of the revolutionary tradition as an instrument of combat pure and simple”. In: TRAUOGOTT, 1993, p. 317.

27 TOURAINE, 1998, p. 158.

28 BECKER, 2000, p. 139.

29 TILLY, TARROW, 2008.

30 ARAÚJO, 2000, p. 53.

31 TOURAINE, 1998, p. 157, 167.

A expansão setorial incentivou ainda mais a difusão geográfica da revolta. A partir de então o movimento também passou a ultrapassar ainda mais os limites de Paris, e chegou a outras cidades francesas, dentre as quais podemos destacar Lyon e Rennes, que estão entre as maiores cidades do país.

A difusão geográfica e setorial da revolta também permitiu que as greves fossem incluídas no repertório do movimento. Em Nantes, teve início a greve geral, que começou com os operários da usina Sud-Aviation de Nantes, que ocuparam a fábrica. O mesmo ocorreu com a Fábrica da Renault. Em seguida, a Confédération Général des Travailleurs (CGT) convocou uma greve geral aos trabalhadores de todos os setores da economia francesa. A convocação teve imensa adesão, e o movimento rapidamente tomou proporções gigantescas, somando 10 milhões de operários a aderirem a greve geral³². Todavia, para Tilly, as greves contavam com inovações, se comparadas com as anteriores:

Essa onda de greves é incomum. Não só porque quebra todos os recordes em relação à escala e participação de especialistas, técnicos e trabalhadores de colarinho branco, mas também porque introduz formas de novas ações. A Assembléia Geral dos representantes do estabelecimento e membros de uma comissão de greve única eleita pelos trabalhadores é inspirada no exemplo dado pelos alunos. Por outro lado, as demandas por maior participação do trabalho nas indústrias de alta tecnologia dão a estas greves um novo ar³³ (TILLY, 1986, p. 481-482).

Portanto, influência dos jovens estudantes, para Tilly, transformou performances tradicionalmente usadas pela velha es-

32 BECKER, 2000, p. 136.

33 Tradução livre do original: "Cette vague de grèves est inhabituelle. Non seulement parce qu'elle bat tous les records quant à l'ampleur et à la participation des specialists, techniciens et cols blancs, mais aussi parce qu'elle introduit des formes de actions nouvelles. L'Assemblée générale des représentants de l'establishment et des membres d'un comité de greve unique élu par les travailleurs s'inspire em partie de l'exemple donné par les étudiants. Par ailleurs, les revendications touchant une plus grande participation ouvrière dans les industries de haute technologie donnent à ces grèves un air nouveau" (TILLY, 1986, p. 481-482).

querda. Cabe ainda dizer que os comícios, ocupações, barricadas e greves – entre outras –, performances tradicionalmente usadas pela velha esquerda conviveram com o uso da poesia e das artes visuais enquanto repertório de ação. Assim, o “maio francês de 1968” também ficou marcado pelo romantismo das palavras de ordem dos seus manifestantes em frases gravadas nos muros de Paris e em artes divulgadas em panfletos. O romantismo do movimento de 1968 na França é apontado por Maria Paula Nascimento Araújo como um dos motivos que o levaram a ser considerado um marco, não apenas na França, mas inclusive em todo o mundo ocidental:

Maio de 1968 na França foi uma imagem e um exemplo de revolta para todo o mundo ocidental. Foi lá que os acontecimentos foram mais longe: ocupação de universidades e de fábricas, greves, manifestações e confrontos com a polícia, barricadas nas ruas. *Slogans* até então incompatíveis com a dura dinâmica da ação política eram escritos nos muros de Paris: “a imaginação no poder”; “um, dois três mil Vietnãs”; “é proibido proibir”.³⁴

Segundo Becker, o romantismo dos protestos e reprovação da violência utilizada pelo Estado contra os manifestantes, em um primeiro momento, manteve a população a favor dos manifestantes. Posteriormente, o medo da crescente violência utilizada pelos próprios manifestantes, teria feito com que a população mudasse de posição³⁵.

Quanto à dinâmica de interação entre o Estado e Sociedade, se no início da revolta o governo francês optou pela repressão violenta, diante da reprovação da abordagem violenta o Estado francês passou a adotar uma nova estratégia na interação com os manifestantes. Em resposta às manifestações, no dia 30 de maio Charles De Gaulle dissolveu a Assembleia e em um discurso pela rádio, convocou o apoio da população ao seu governo. No mesmo dia, uma enorme manifestação de apoio ao governo

34 ARAÚJO, 2000, p. 53.

35 BECKER, 2000, p. 139.

Gaullista ocupou toda a avenida Champs-Élysée com mais de 700 mil manifestantes no dia 30 de maio³⁶. Estrategicamente, foram convocadas novas eleições para 23 de junho, o que foi decisivo para que o movimento gradualmente se dissolvesse³⁷. Nas urnas, os partidos esquerdistas perderam, o que confirmou a mudança de opinião de uma parte considerável da população com relação às revoltas.

Além disso, segundo Daniel Aarão Reis, é importante destacar que a derrota dos partidos de esquerda nas eleições demonstrou o quanto estes estavam distantes do movimento. Para Reis, a espontaneidade e as proporções da revolta de maio de 1968 surpreenderam os partidos esquerdistas, que, de certa forma, assumiram uma posição coadjuvante no confronto³⁸.

Ocorre que, em realidade, os líderes do movimento de 1968 haviam tido uma ligação com os partidos tradicionais de esquerda – socialistas ou comunistas – e haviam rompido ou sido expulsos destes, por discordarem das suas formas de ação. Conforme já colocado, incentivados pelos relatos heroicos da segunda guerra e dos conflitos anteriores, a geração de 1968 acusava os partidos de esquerda tradicionais – especialmente o Partido Comunista Francês (PCF) – de serem conservadores e excessivamente cautelosos e passivos³⁹. Dessa forma, a geração que participou do movimento de maio de 1968 rompeu com os partidos tradicionais e fez com que emergisse a chamada “nova esquerda dissidente”. Segundo Araújo, esse fenômeno não se restringiu à França, pois pôde ser observado em diversos outros países. Assim, se na França emergiu a “gauche prolétaire”, nos Estados Unidos, emergiu a “New Left” (da onde se originou o termo) e diversos outros países, tais como Alemanha e Itália, também observaram a emergência do mesmo fenômeno⁴⁰.

36 BECKER, 2000, p. 137.

37 ARAÚJO, 2000, p. 53.

38 REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. *1968: a paixão de uma utopia*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988.

39 ARAÚJO, 2000, p. 35.

40 ARAÚJO, 2000, p. 36.

Todavia, argumentamos que a Nova Esquerda dissidente, todavia, mostrou ser apenas o momento “dobradiça” ou a transição entre a velha esquerda e a “esquerda alternativa”. A “esquerda alternativa” deu espaço para os “novos movimentos sociais”, marcados pela crítica ao uso da violência enquanto repertório de ação.

4. A autocrítica da esquerda

Com o intento de se voltar para a ação, o heroísmo, a ousadia, a Nova Esquerda dissidente que protagonizou 1968 procurou justificar o uso da violência, inclusive teoricamente. Hannah Arendt no livro *Sobre a violência*, procurou criticar as justificativas apontadas por essa geração de esquerda que emergiu no final da década de 1960 para o uso da violência enquanto estratégia política. Segundo Arendt, para os jovens que faziam parte da Nova Esquerda, a violência era um valor em si, e não apenas um instrumento de defesa. Segundo a justificativa teórica que elaboraram para tal posicionamento, a violência inclusive seria responsável pela construção de uma identidade e pelo regaste da integridade e do amor-próprio dos indivíduos. Sendo assim, conclui que foi essa linha de pensamento que levou com que existisse uma supervalorização da ação entre os grupos políticos da Nova Esquerda⁴¹.

Na França, isso ficou claro nos embates dos estudantes com a polícia em 1968 e no apoio que era oferecido às guerrilhas e movimentos anticoloniais. Sendo assim, eles procuravam demonstrar o seu apoio aos Argelinos na guerra que a França travava contra a Argélia (1954-1962), aos vietcongues na guerra contra os Estados Unidos que ocorreu entre (1959-1975), e aos movimentos de guerrilha na América Latina durante a década de 1960⁴².

41 ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1994. p. 18-21.

42 ARAÚJO, 2000, p. 54.

Régis Débray está entre os intelectuais franceses que fizeram parte dessa geração⁴³. Contudo, a partir de meados da década de 1970, a Nova Esquerda passou a romper com essa valorização da violência proposta pela geração de Régis Débray. Segundo Sidney Tarrow, esses militantes abandonaram os métodos violentos de combate para dar lugar à formas pacíficas de ação política. Assim, buscaram se diferenciar da velha esquerda, tentando chamar a atenção da imprensa, do meio estudantil e das autoridades para novos temas⁴⁴.

Esse rompimento foi resultado de um processo de autocrítica e avaliação dessa opção pela violência realizado pelos sobreviventes da repressão que destinadas aos grupos armados a partir de 1968. O aniquilamento das organizações e morte dos militantes, bem como a derrota das experiências socialistas e/ou armadas forçou essa revisão⁴⁵. Além disso, na França, assim como no Brasil, acontecimentos tais como a derrubada do governo socialista de Allende em 1973, representaram um duro golpe para a esquerda⁴⁶, forçando o reposicionamento dos militantes que haviam sobrevivido.

Como resultado, essa avaliação e autocrítica fez com que emergisse “uma esquerda alternativa”, que era guiada por ideias totalmente diferentes daquelas que guiaram a esquerda armada da década de 1960. Entre as ideias que guiavam essa esquerda alternativa, devemos destacar “a valorização do cotidiano, do indivíduo, das relações pessoais, a valorização dos sentimentos e das emoções”⁴⁷.

Assim, percebe-se que a esquerda alternativa que surgiu nos primeiros anos da década de 1970 valorizava a *subjetividade* e abandonou as formas de ação que recorriam à violência. Além disso, é importante destacar a crítica às “*rígidas formas de orga-*

43 RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. p. 45.

44 TARROW, 2009, p. 199.

45 ARAÚJO, 2000, p. 98.

46 MARQUES, 2011; MARQUES, 2017.

47 ARAÚJO, 2000, p. 43.

nização e hierarquia” e a defesa de uma “*democracia direta, participativa e sem intermediários*”⁴⁸. Em outras palavras, a esquerda alternativa procurava fazer uma crítica à noção tradicional da representatividade política e defender a participação direta dos indivíduos nas decisões políticas.

Ao defender a singularidade, as diferenças e as especificidades, a esquerda alternativa rompia com o marxismo. Para Hannah Arendt, Marx e intelectuais marxistas formavam o principal embasamento teórico dos diversos grupos e organizações armadas da década de 1960⁴⁹. A Nova Esquerda utilizava categorias de análises marxistas consideradas indispensáveis, tais como as ideias de “totalidade” e “universalidade” na sua retórica teórica. Com a reavaliação das suas formas de ação na primeira metade da década de 1970, estas categorias foram abandonadas e passou a haver uma valorização do específico e da fragmentação⁵⁰.

Intelectuais franceses estão entre as principais influências na construção dessa nova linha de pensamento da esquerda⁵¹. Dentre eles, merecem destaque Michel Foucault e Gilles Deleuze, que deixaram claro a oposição à noção de totalidade em um diálogo intitulado “Os intelectuais e o poder” publicado na obra “A microfísica do poder” de Foucault:

Isto quer dizer que a generalidade da luta certamente não se faz por meio da totalização de que você falava há pouco, por meio da totalização teórica da ‘verdade’. O que dá generalidade à luta é o próprio sistema de poder, todas as suas formas⁵².

Em realidade, Foucault e Deleuze faziam parte de um amplo debate que contou com a participação de vários outros impor-

48 ARAÚJO, 2000, p. 98.

49 Todavia, Arendt considerava que a Nova Esquerda tenha interpretado os escritos de Marx e Engels de maneira incorreta, com relação ao uso da violência. Ver: ARENDT, 1994, p. 23.

50 ARAÚJO, 2000, p. 109.

51 ARAÚJO, 2000, p. 110.

52 FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. 20ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979. p. 78.

tantes intelectuais das universidades francesas. O debate colocava em questão diferentes interpretações sobre o marxismo e o socialismo e evidenciou a simpatia de muitos intelectuais franceses pelo pensamento de Mao Tsé-Tung, por representar uma alternativa ao socialismo soviético, ao valorizar o sujeito politicamente e culturalmente⁵³. Outras questões, tais como o humanismo, também foram debatidas. O fato é que esse debate foi essencial para a redefinição das esquerdas, não apenas na França, mas em todo o ocidente⁵⁴. Para Sidney Tarrow, esse é, inclusive, um dos aspectos mais marcantes do movimento de maio de 1968: a rápida difusão transnacional das suas ideias⁵⁵.

As novas ideias que se baseavam na valorização do indivíduo fizeram com que a Nova Esquerda francesa na década de 1970 passasse a atuar através novas formas de mobilização política, dentre as quais merece destaque a greve de fome. Segundo Johanna Siméant, a primeira greve de fome utilizada como forma de manifestação política data de 1971. Primeiramente, essa forma de ação foi adotada por militantes da extrema-esquerda francesa, e se popularizou entre a população que tinha um repertório de atuação política limitado por questões jurídicas. Assim, os migrantes ilegais – com destaque para os “Sans Papiers” – e a população carcerária passaram a recorrer a esse método, que visava usar o corpo para reivindicar o “direito de existir”⁵⁶.

O movimento feminista francês da década de 1970 também parte da Nova Esquerda e sobretudo dessa redefinição teórica e prática pela qual ela passou no início dessa década. A chamada “segunda onda” do feminismo francês teve em início na década de 1960, por influência da obra *O segundo sexo* de Simone de

53 Posteriormente, boa parte dos intelectuais franceses deixaram de apoiar a Revolução Chinesa, principalmente após as denúncias que emergiram sobre regime político chinês. Ver: ARAÚJO, 2000, p. 107.

54 ARAÚJO, 2000, p. 55.

55 TARROW, 2009, p. 199.

56 SIMÉANT, Johanna. *La cause des Sans Papiers*. Paris: Presses de Sciences Po, 1998. p. 281, 287.

Beauvoir (1949), porém, ganhou força após 1968⁵⁷. O ressurgimento do movimento foi de certa forma, uma consequência de maio de 1968, mas, ao mesmo tempo, travou grandes embates com a esquerda francesa que o protagonizou. De qualquer forma, ao afirmar que “o privado é político” o movimento contribuiu para indicar para a nova esquerda o caminho em defesa da subjetividade⁵⁸. A força e amplitude do movimento feminista francês foram extraordinárias, o que ficou demonstrado com a legalização do aborto em 1975 e a sua influência sob mulheres de outros países, tal como podemos observar ao analisar as exiladas brasileiras na França⁵⁹.

É importante destacar que as reivindicações dos novos movimentos sociais contribuíram para que a esquerda francesa repensasse a questão dos direitos sociais. Segundo Éric Agrikoloansky, a relação da esquerda com a questão dos direitos humanos sempre foi ambígua, porém, a repressão aos grupos de extrema-esquerda pós-1968 e a crescente crítica ao modelo soviético durante a década de 1970, fez com que a esquerda mudasse seus repertórios de ação. Portanto, o discurso em favor dos Direitos Humanos vai ao encontro com o abandono de várias posições políticas que guiavam os partidos esquerdistas e a emergência da defesa das liberdades individuais. Com efeito, o discurso em favor dos Direitos Humanos deu legitimidade ao enfrentamento com a direita, que, durante a presidência de Valéry Giscard d’Estaing (1974 – 1981), defendia o discurso de “liberalismo avançado”⁶⁰.

57 ROCHEFORT, Florence. *Les feminists*. In: BECKER, Jean-Jacques et CANDAR, Gilles (dir.). *Histoire des gauches en France*. Volume 2: siècle à l'épreuve de l'histoire. Paris: La Découverte, 2005, p. 108.

58 ROCHEFORT, 2000, p. 114.

59 Ver: MARQUES, Teresa Cristina Schneider Marques. A esquerda brasileira exilada e o feminismo: a atuação política das brasileiras no Chile e na França (1968-1979). *Projeto História (Online)*, v. 1, p. 112, 2015.

60 AGRIKOLOANSKY, Éric. *La gauche, le liberalism politique et les droits de l'homme*. In: BECKER, Jean-Jacques et CANDAR, Gilles (dir.). *Histoire des gauches en France*. Volume 2: siècle à l'épreuve de l'histoire. Paris: La Découverte, 2005. p. 524, 536-537.

Como consequência, observa-se na esquerda francesa a adoção de um novo repertório de ação, com destaque para as performances legais e prescritas pelo Estado. Dessa forma, a partir da década de 1970, o judiciário se torna uma arena política também para a esquerda nas lutas por direitos sociais, trabalhistas, etc. Assim, os partidos de esquerda participaram da ratificação da convenção europeia de direitos humanos e outras iniciativas que visavam institucionalizar os direitos individuais⁶¹.

Fica claro que a partir da década de 1970 os movimentos políticos franceses passavam por grandes transformações e foram pioneiros na introdução de novos temas. A subjetividade, a especificidade, a democracia participativa, entre outros, passam a fazer parte do confronto político francês. Além disso, novas formas de ação política passaram a ser adotadas, tais como a greve de fome e o judiciário. Dessa forma, percebemos que a França está entre os países que viram o nascimento dessa Nova Esquerda, que se transformou ao longo da década de 1970, ao deixar de ser uma esquerda armada para se tornar uma esquerda alternativa que deu origem aos novos movimentos sociais (NMS).

5. Conclusões

O movimento de maio de 1968 francês evidenciou a emergência de uma sociedade pós-industrial, marcada pelo engajamento de grupos em torno de uma identidade, um modo de vida, ancorados na defesa da autonomia do sujeito, permitindo a emergência dos chamados “novos movimentos sociais” (NMS)⁶². Por outro lado, o ciclo não evoluiu para um processo revolucionário, uma vez que o governo francês conseguiu superar a fase do confronto em turbilhão e foi bem-sucedido ao limitar as transformações das estruturas no âmbito do Estado. No entanto, ainda que as demandas estudantis tenham sido

61 AGRIKOLOANSKY, 2005, p. 537.

62 TOURAINÉ, 1998.

atendidas apenas parcialmente, a revolta francesa promoveu transformações duradouras, tanto na cultura, quanto nos repertórios de ação da esquerda francesa⁶³.

O repertório de maio de 1968 na França mesclou performances da chamada “velha esquerda”, ligada às tradicionais e rígidas organizações da esquerda tradicional, com um novo repertório que então emergia. Esse repertório seria associado mais tarde à chamada “nova esquerda” e à “esquerda alternativa”. Entre as performances modulares tradicionalmente usadas pela velha esquerda, convém destacar a ocupação de prédios públicos, os comícios, as barricadas e a greve. Muito embora algumas dessas performances se mantenham no repertório de ação da esquerda francesa até hoje, outras foram abandonadas após intensa reflexão e autocrítica. A crítica ao caráter violento do emprego de barricadas e arremesso de paralelepípedos retirou essas performances do repertório de ação da esquerda ocidental. Todavia, na França, o passado marcado por processos revolucionários atribui uma simbologia específica a esse tipo de repertório de ação, incentivando novas pesquisas sobre a compreensão dos significados que lhe são atribuídos hoje e se o seu abandono enquanto repertório é de fato “irreversível”.

De qualquer forma, a partir de uma leitura do maio de 1968 francês com base na teoria do confronto político, é possível verificar que 1968 constituiu um momento “dobradiça”. Isto é, ele marcou um momento ímpar na história no qual é possível observar profundas transformações táticas e ideológicas.

Referências

ALONSO, Ângela. “Repertório, segundo Charles Tilly: História de um Conceito”. *Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012.

63 Sobre uma perspectiva de longa duração das transformações de repertórios de ação na França, ver: TILLY, Charles. *La France conteste de 1600 à nos jours*. Paris: Fayard, 1986.

AGRIKOLOANSKY, Éric. *La gauche, le liberalism politique et les droits de l'homme*. In: BECKER, Jean-Jacques et CANDAR, Gilles (dir.). *Histoire des gauches en France*. Volume 2. Paris: La Découverte, 2005.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1994.

BECKER, Jean-Jacques. *Histoire politique de la France depuis 1945*. Paris: Armand Colin, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider Marques. *Militância política e solidariedades transnacionais: a trajetória dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Programa de pós-graduação em Ciência Política, 2011.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider Marques. O exílio e as transformações de repertórios de ação coletiva: a esquerda brasileira no Chile e na França (1968-1978). *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, 2017.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider Marques. A esquerda brasileira exilada e o feminismo: a atuação política das brasileiras no Chile e na França (1968-1979). *Projeto História (Online)*, v. 1, p. 112, 2015.

MCADAM, Doug; TILLY, Charles; TARROW, Sidney. Para mapear o confronto político. *Lua Nova*, São Paulo, 76, p. 11-48, 2009.

- MCADAM, Doug; TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Dynamics of Contention*. New York, Cambridge University Press, 2011.
- REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. *1968: a paixão de uma utopia*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- ROCHEFORT, Florence. *Les feminists*. In: BECKER, Jean-Jacques et CANDAR, Gilles (dir.). *Histoire des gauches en France*. Volume 2: siècle à l'épreuve de l'histoire. Paris: La Découverte, 2005.
- SIMÉANT, Johanna. *La cause des Sans Papiers*. Paris: Presses de Sciences Po, 1998.
- SOMMIER, Isabelle. Les processus de diffusion des révoltes juvéniles de 68. *Histoire@politique. Politique, culture, société*, n. 6, septembre-décembro 2008.
- TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e Confronto Político*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TILLY, Charles. *Regimes and Repertoires*. Chicago, University of Chicago Press, 2006.
- TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Politique(s) du Conflit: De la Grève à la Révolution*. Paris, Presses de Sciences Po, 2008.
- TILLY, Charles. *La France conteste de 1600 à nos jours*. Paris: Fayard, 1986.
- TATAGIBA, Luciana. 1994, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política e sociedade*. Florianópolis, v. 13, n. 28, 2014.
- TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: Movimentos Sociais e Confronto Político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOURAINÉ, Alain. *Le mouvement de mai ou le communisme utopique*. Édition: Le livre de poche. Paris: Imprimé par Brodard et Taupin, 1998.

TRAUGOTT, Mark. Barricades as Repertoire: Continuities and Discontinuities in the History of French Contention. *Social Science History*, v. 17, n. 2, Summer 1993.